



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA JASMINA SOUZA MEDEIROS

**A IMPORTÂNCIA DAS SALAS DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL
ESPECIALIZADO - AEE PARA O ENSINO APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA**

**CAMPINA GRANDE
2023**

MARIA JASMINA SOUZA MEDEIROS

**A IMPORTÂNCIA DAS SALAS DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL
ESPECIALIZADO - AEE PARA O ENSINO APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof. Mra. Magnólia de Lima Sousa Targino

**Campina Grande
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M488i Medeiros, Maria Jasmira Souza.

A importância das salas de Atendimento Educacional Especializado - AEE para o ensino aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA [manuscrito] / Maria Jasmira Souza Medeiros. - 2023.
23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Ma. Magnólia de Lima Sousa Targino, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Autismo. 2. Atendimento Educacional Especializado. 3. Criança . I. Título

21. ed. CDD 370.15

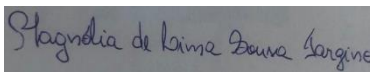
MARIA JASMINA SOUZA MEDEIROS

A IMPORTÂNCIA DAS SALAS DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL
ESPECIALIZADO - AEE PARA O ENSINO APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à coordenação do curso de
Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito à obtenção do título de
Graduação em Pedagogia.

Aprovada em: 07/07/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Mra. Magnólia de Lima Sousa Targino (Orientadora)



Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos



Dra. Livânia Beltrão Tavares

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 05 |
| 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 07 |
| 2.1 | O processo de inclusão de crianças com tea e o aee | 07 |
| 2.2 | O transtorno do espectro autista de acordo com o DMS 5 TR | 09 |
| 2.3 | Processos que auxiliam na aprendizagem do indivíduo com TEA | 11 |
| 2.4 | A tecnologia e sua importância para aprendizagem de crianças com TEA | 15 |
| 3 | METODOLOGIA | 17 |
| 4 | CONCLUSÕES | 17 |
| | REFERÊNCIAS | 19 |

A IMPORTÂNCIA DAS SALAS DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO - AEE PARA O ENSINO APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA

Maria Jasmina Souza Medeiros

RESUMO

Este trabalho visa analisar o processo de ensino - aprendizagem das crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA, nas salas de Atendimento Educacional Especializado - AEE. Desta forma, propõe-se a saber como o processo de aprendizagem funciona, além de dialogar acerca do que é o autismo, os níveis que podem ser apresentados pelos indivíduos, quais as particularidades de cada um e como isso influencia no processo de aprendizagem. A pesquisa foi realizada com um caráter descritivo qualitativo, utilizando-se de documentos oficiais, artigos, livros e monografias, a fim de entender e comentar sobre o fenômeno de forma clara e objetiva, com o foco voltado para os anos iniciais nas salas de AEE. Perseguiu-se compreender como se dá o ensino - aprendizagem por meio dos recursos pedagógicos e psicopedagógicos, que trazem a ludicidade para o ensino, pois as crianças com autismo têm um aprendizado mais complexo, necessitando de uma atenção maior e ferramentas que auxiliem nesse processo. Também pode-se observar os métodos que são utilizados pelos/as professores/as que estão à frente da educação especial, Por fim, abordou-se acerca da inclusão dentro da sala de ensino regular, dentre alguns outros conceitos que fazem ou podem fazer parte da realidade educacional e social da pessoa com transtorno do espectro autista. Ficou evidenciado que é unanimidade, a relevância das Salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE) para as pessoas com Transtornos de Espectro Autista (TEA), especialmente para as crianças, famílias e educadores, uma vez que, muito pode ser realizado em benefício dessa população, e conseqüentemente, para o bem da sociedade em geral.

Palavras - chave: Autismo; Atendimento Educacional Especializado; Criança.

ABSTRACT

This work aims to analyze the teaching-learning process of children with Autistic Spectrum Disorder - ASD, in Specialized Educational Assistance - AEE rooms. In this way, it is proposed to know how the learning process works, in addition to discussing what autism is, the levels that can be presented by individuals, what are the particularities of each one and how this influences the learning process. The research was carried out with a qualitative descriptive character, using official documents, articles, books and monographs, in order to understand and comment on the phenomenon in a clear and objective way, with the focus on the initial years in the AEE classrooms. . We sought to understand how teaching - learning takes place through pedagogical and psychopedagogical resources, which bring playfulness to teaching, as children with autism have a more complex learning process, requiring greater

attention and tools that help in this process. It is also possible to observe the methods that are used by the teachers who are in charge of special education. of the educational and social reality of the person with autism spectrum disorder. It was evidenced that it is unanimity, the relevance of the Specialized Educational Care Rooms (AEE) for people with Autistic Spectrum Disorders (ASD), especially for children, families and educators, since much can be done for the benefit of this population , and consequently, for the good of society in general.

Keywords: Autism; Specialized Educational Service; Children.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) “é um conjunto de condições caracterizadas por algum grau de dificuldade no convívio social, na comunicação verbal e não verbal e interesses específicos por algumas atividades realizadas de forma repetitiva” (APUD: NICOLETTI e HONDA, 2021, p. 118).

A criança com TEA apresenta alguns comportamentos e *déficits*, seja na comunicação ou na interação social. As chamadas manifestações comportamentais são determinados comportamentos que advém desde os primeiros anos de vida, podendo ser o fato de não olhar quando se é chamado, ter mais interesse em objetos do que em pessoas, dentre outros. Os chamados comportamentos repetitivos ou estereotipados são aqueles onde a criança pode mexer repetidamente as mãos, enfileirar os objetos ou girá-los e etc. podendo eles também se restringir a determinados interesses ou a atividades, como assistir e parar tudo que está fazendo quando começa um desenho ou uma música específica de seu gosto.

O autismo foi relatado por Leo Kanner pela primeira vez, no ano de 1943, como “Distúrbios autísticos do contato afetivo”, a partir da análise de onze casos com patologias graves e condições singulares, que englobava, além da inabilidade para estabelecer contato afetivo, comportamentos obsessivos, ecolalia e estereotipia (FERNANDES, TOMAZELLI E GIRIANELLI, 2020)”.

Após o autismo ter sido citado pela primeira vez por Kanner, ganhou maior destaque por meio do conhecimento popular e científico visto que as pesquisas nesta área foram aumentando gradativa, qualitativa e quantitativamente.

O número de crianças com autismo cresce de forma inesperada por fatores ainda não 100% cientificamente comprovados. Com isso, desde os anos iniciais deve ser garantida uma educação de qualidade, e para efetivá-la, segundo Junior e Bedaque (2018, p. 59):

Existem as Diretrizes da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva que têm como objetivo principal, o acesso, a participação e a aprendizagem dos estudantes com deficiência, Transtornos Globais do Desenvolvimento e Altas Habilidades/Superdotação nas escolas regulares.

Os estudantes que fazem parte das salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE) recebem esse atendimento individual e específico de acordo com a sua necessidade e/ou dificuldade apresentada. São disponibilizadas atividades e recursos de acordo com suas necessidades. Nas salas de AEE são feitas a identificação (*anamnese*), adaptação e articulação com a educação regular do estudante.

Segundo Freitas (2021, p. 4), “a criança com TEA tem o direito à sala de AEE, no qual há um professor especialista que garante atividades para seu desenvolvimento cognitivo, motor e interativo que potencialize seu desenvolvimento e aprendizagem”.

Muito se fala da Educação Inclusiva e Educação Especial, afinal, é lei e precisa ser garantido desde os anos iniciais. Hoje em dia, o diagnóstico garante que seja feito o acompanhamento e também a estimulação desde cedo, que é o recomendado por profissionais das áreas da saúde e da educação.

Muitas vezes, os/as próprios/as professores/as das salas regulares de ensino identificam que há algo que precisa ser investigado em determinada criança, informam aos pais ou responsáveis para que os mesmos busquem ajuda específica nesta investigação, pois os sinais geralmente aparecem desde muito cedo e se tornam nítidos determinados comportamentos que não são considerados como típicos pela faixa etária e cognitiva da criança. Alguns pais e/ou responsáveis não o reconhecem por ser em um nível de suporte número 1 e não terem conhecimento dos comportamentos de crianças com o TEA, por exemplo. Isso ocorre também em casos em que os pais e/ou responsáveis têm pouco acesso à informação. Contudo, como convivem diariamente com suas crianças, geralmente os próprios passam a detectar comportamentos que os fazem suspeitar e buscar uma ajuda mais especializada.

A criança com TEA necessita desse atendimento pois não são trabalhadas apenas necessidades referentes à escola, o acompanhamento auxilia também no processo do desenvolvimento cognitivo, afinal, como será detalhado a seguir, vai depender do nível de suporte que o espectro pode apresentar: 1, 2 e 3, e as necessidades que mudam de acordo com cada caso. Uma boa observação a ser feita é em relação às crises e o que pode vir a desencadeá-las. Um exemplo disso é a hipersensibilidade aos sons, e isso vem a fazer parte do processo de ensino - aprendizagem, afinal, precisa-se compreender todos os fatores, por isso também deve haver um acompanhamento de outros profissionais para crianças com alguma dificuldade ou transtorno de desenvolvimento.

Deve haver também alguns outros profissionais que fazem parte desse processo, eles/as são das áreas da Psicologia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional e profissionais da área da educação. Cada profissional vai estimular a criança de alguma forma, seja a questão cognitiva, psicomotora, a fala e comunicação, a independência para a realização das atividades e a identificação das dificuldades em sala, bem como a adaptação dos conteúdos para a criança. Vale ressaltar que na sala de AEE também será trabalhada a questão cognitiva e psicomotora, porém não será de forma tão aprofundada quanto e como os outros profissionais devem desenvolver visto suas formações específicas.

Ao serem trabalhadas as dificuldades com o apoio dos já citados profissionais, vem uma necessidade de falar acerca da inclusão e de como isso vai influenciar na questão da educação, afinal em um ambiente escolar é necessário que se fale e se cumpra a inclusão, pois é lá que as crianças vão passar a maior parte da vida e onde vão vivenciar diversas experiências.

Segundo Freire (2008) “ a inclusão, enquanto forma de flexibilizar a resposta

educativa de modo a fornecer uma educação básica de qualidade a todos os/as alunos/as, tem sido apontada como uma solução para o problema da exclusão educacional” (APUD: GARCIA e ABREU, 2018, p. 9).

Diante do exposto acima, vê-se portanto que a inclusão na educação básica é apontada como solução para o problema da exclusão educacional. É viável, pois uma vez que existe essa inclusão em um campo, poderá vir a ser um facilitador para outros campos também. Muito se é falado sobre essa questão, que vem aos poucos sendo colocado em prática, dando ênfase principalmente na educação pública, que vem buscando proporcionar uma qualidade maior para as crianças que estão inseridas nela.

O foco principal deste trabalho é expor a questão do aprendizado das crianças autistas e a importância do AEE durante esse processo, além das ferramentas que podem ser usadas, mostrando também que nas salas de recursos as crianças autistas vão aprender de forma diferente, mais lúdica e que mesmo por vezes podendo vir a necessitar de um apoio maior, o indivíduo vai aprender que as dificuldades não o tornam menos capaz, pelo contrário, vão entender que são pessoas muito inteligentes e afinal, como já mencionado, a educação é algo para todos e um direito de todos.

Esse trabalho será dividido em três pontos: no primeiro, ora descrito, apresenta de uma forma introdutória, a temática proposta; no segundo ponto será dialogado acerca do processo de inclusão, conceito do autismo, como se dá o processo de aprendizagem das crianças com TEA, além de mostrar o que pode servir como apoio nesse processo, quais materiais podem ser utilizados, na qual vai ser exposto o que o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, atual DSM-V fala sobre o autismo e também serão apresentados os níveis do TEA e as particularidades de cada um. Por fim, no terceiro ponto, das considerações finais, será apresentada uma análise crítica das questões exploradas para a produção deste trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O processo de inclusão de crianças com TEA e o papel do AEE:

No ponto a seguir será comentado sobre sobre o processo de inclusão de acordo com a legislação, além de apresentar o que são os termos, inclusão, segregação, exclusão e integração. Ao longo do processo do que vai ser apresentado neste tópico também se fala sobre como o AEE vem crescendo ao longo dos anos e como é importante o papel do professor ao longo desse processo, pois é o mesmo que será um pilar importante na educação especial e na inclusão dos alunos neurodivergentes.

Conforme afirma Kassir (2012, p. 837):

Atualmente, muitos alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação estão matriculados em classes comuns de escolas públicas em todo território nacional, o que denota uma mudança de perspectiva em relação a essa população: da crença anterior de que o atendimento ideal deveria ocorrer em locais específicos, separadamente ao destinado à população em geral, para a atual percepção de que os espaços mais adequados são os espaços comuns.

As crianças que possuem algum tipo de deficiência ou transtorno, hoje em dia, encontram-se mais inseridas nas classes comuns das escolas públicas, o que mostra que, cada vez mais a ideia de que essas pessoas deveriam ser atendidas em outros locais estão sendo deixadas de lado, o que se torna algo bom, pois o convívio social e sua interação social são de suma importância para todos, principalmente para quem possui algum transtorno ou deficiência, afinal todos são iguais em suas diferenças.

Para fortalecer essa perspectiva, a legislação brasileira vigente estabelece a não exclusão do aluno do sistema educacional geral sob alegação de deficiência, privilegia a matrícula desses alunos em escolas regulares públicas e, para apoio educacional, investe na implantação de salas de recursos multifuncionais em todo o país, de modo que, entre 2005 e 2011, foram disponibilizadas 37.801 salas de recursos multifuncionais em 5.019 municípios (REBELO, 2012).

Para entendermos melhor do que se trata a não exclusão do aluno com deficiência pelo sistema educacional, vamos falar um pouco sobre o que é a inclusão, a segregação, a exclusão e a integração.

A inclusão acontece quando é feita uma adequação do ambiente de forma geral para as pessoas que são deficientes, sejam pelas rampas de acesso nas escolas, os intérpretes e aulas de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), quando são utilizados os livros em Braille (a escrita em relevo para pessoas que são deficientes visuais), dentre outras situações.

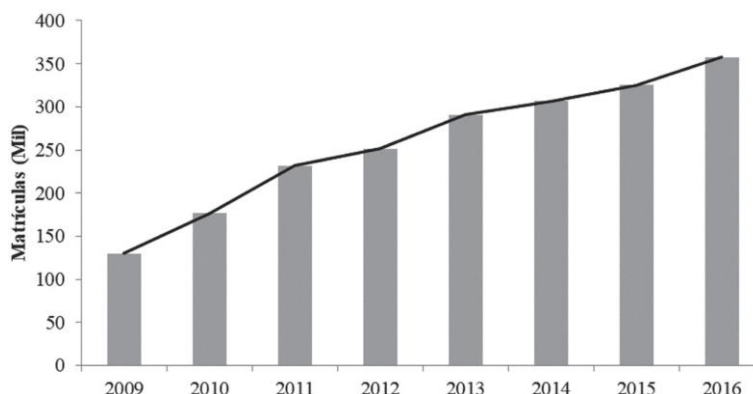
Por outro lado, a segregação é diferente, ela acontece quando é separado, física e/ou pedagogicamente, um grupo específico, onde só ele pode fazer parte. Isso pode se dar quando coloca-se o aluno separado em algum canto da sala, sem nenhum meio de interação, outro exemplo é no dia a dia quando a criança não está junta com os colegas em momentos de descontração pois estão fazendo alguma atividade que é especificamente para ela devido a sua condição, vindo a segregar a mesma.

Por sua vez, a exclusão ocorre onde não há nenhuma condição de acolhimento por parte das instituições ou da sociedade, ou seja, aquele ambiente não se torna acolhedor para a pessoa com deficiência ou transtorno pois, não existe qualquer tipo de adaptação, podendo ser por falta de acessibilidade na estrutura física do ambiente, de meios que não ajudem na comunicação, como não ter intérprete de LIBRAS, por exemplo, é um fator infelizmente ainda muito presente na realidade brasileira.

Por último e não menos importante, o conceito de integração se refere ao fato de que, por exemplo, em uma sala de aula pode haver um grupo de crianças com necessidades especiais que estão isoladas de maneira física e pedagogicamente do restante das crianças, que são consideradas típicas.

Corrêa (2012), ressalta que no Brasil, a trajetória do Atendimento Educacional Especializado (AEE) vem crescendo conforme a oferta dos atendimentos, cheias de mudanças, gerando ao mesmo tempo ações estaduais para suprir a demanda de alunos com necessidades especiais e exigindo políticas públicas para tais ações. Entretanto, Corrêa e Rodrigues (2016) destacam que o AEE se mantém estabilizado, no sentido de qualidade de atendimento devido a vários colaboradores, bem como, de normas.

De fato, a necessidade de um AEE vem crescendo durante sua trajetória, afinal, a cada ano que passa, a demanda vem aumentando cada vez mais, de acordo com Salvini, Pontes e Rodrigues et. al.(2019), para comprovar isso, consultamos o número de matrículas de alunos com necessidades especiais nas escolas regulares públicas do Brasil (vide o gráfico abaixo).



Fonte: Avaliação do Impacto do Atendimento Educacional Especializado (AEE) sobre a Defasagem Escolar dos Alunos da Educação Especial

Pode-se perceber que, comparando o ano de 2009 ao de 2016 em termos de aumento de número de matrículas dos/as alunos/as nas salas de AEE cresceu, aproximadamente, 100%, ou seja, um aumento brusco que está na prática e na realidade das escolas, difícil de acompanhar diante da falta de profissionais qualificados. Diante dessa realidade, vêm sendo feitos investimentos e estudos, percebendo-se que as mudanças estão acontecendo. Salienta-se, por outro lado, que, mesmo que de forma sutil, muitos atores são fundamentais no processo de aprendizagem da criança, mas aqui cabe o destaque aos/as professores/as (desde os anos iniciais), da Educação Especial e Inclusiva, que estão à frente das salas de AEE, pois desde a educação regular à educação que se adapta às necessidades das crianças, os/as professores/as estão à frente do processo educacional. Segundo LIMA,(2020, p. 49) :

Nessa perspectiva, sendo determinante o papel do professor no processo de inclusão de crianças com TEA, se faz necessário que este esteja disposto e preparado para trabalhar com quaisquer dificuldades que lhe apareçam, devendo sua prática educacional estar adequada e preparada para receber os alunos e suas necessidades, estando sempre atualizado, saindo da zona de conforto dos conteúdos estudados em sua formação acadêmica, buscando inovar os conhecimentos para atuar com excelência no atendimento à criança com autismo.

Ser professor/a é estar disposto/a a se adaptar às necessidades das crianças, além de como já citado por Lima (2020), deve-se trabalhar as diversas dificuldades que apareçam, por muitas vezes, saindo da sua própria zona de conforto, além de estar sempre estudando e se atualizando para inovar e poder trabalhar com excelência, principalmente com crianças com TEA. O mesmo autor ainda ressalta:

A fim de conduzir um espaço favorável para a troca da aprendizagem e vivência entre os alunos, necessitamos inteirar-se de como se dá a aprendizagem de crianças com TEA, para tanto, faz-se necessário tomar conhecimento de suas maneiras de aprenderem e quais suas principais disfunções cognitivas [...].(LIMA, 2020, p. 40)

2.2 O transtorno do espectro autista de acordo com o DMS 5 TR:

Para dar início a esse tópico, precisa-se primeiro saber do que é o citado DSM – 5 - O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (6ª edição), sendo ele

mais conhecido como DSM 5 TR, é a última atualização deste manual que é conhecido e utilizado internacionalmente para elaborar diagnósticos psiquiátricos. Portanto, o intuito do Manual é servir como um norte e como uma ferramenta para embasar os profissionais que lidam com transtornos relacionados à mente, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) que está sendo o foco principal deste trabalho.

Segundo o site Neurosaber (2022, APUD DSM-5, 2013), “o autismo é definido como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos”. Ainda segundo os mesmos,

O autismo pode ser enquadrado em três categorias dentro do DSM-5, são elas: Deficiência Social, Dificuldades de linguagem e comunicação e Comportamentos repetitivos e/ou restritivos. Para diagnosticar o TEA, os profissionais devem observar a dificuldade em duas áreas: ‘Comunicação social’ e ‘Comportamentos ou interesses restritos, repetitivos e/ou sensoriais’. Para que a criança seja diagnosticada com autismo, ela deve ter dificuldades nessas duas áreas ou apresentar características do autismo desde cedo, mesmo que os sinais diminuam em fases mais tardias da infância.

É importante pontuar as questões referentes à definição do autismo e as suas principais dificuldades, seja em relação a interação social, comunicação ou os chamados comportamentos repetitivos (estereotípias), essas características podem ser observadas desde os primeiros anos de vida, por mais que sejam eles de forma sutil por meio das *anamneses* onde são feitas perguntas que auxiliam na descoberta, além das questões que estão presentes no DSM 5 TR.

Alguns critérios podem ser utilizados para o diagnóstico, sendo eles: estar associado a uma condição genética ou médica, fatores ambientais, pode estar associado a algum outro transtorno do neurodesenvolvimento seja mental ou comportamental, além de especificar a gravidade por dois critérios o A e o B, exigindo muito apoio, exigindo um apoio substancial, ou pouco apoio. Podendo com ou sem comprometimento intelectual, ou com ou sem comprometimento da linguagem do indivíduo, esses são apenas alguns dos critérios que podem ser utilizados para o diagnóstico da pessoa autista.

De acordo com o DSM 5 TR, o autismo é dividido em níveis de suporte e cada um deles tem suas características, dificuldades e em alguns casos, a necessidade de auxílio de terceiros durante toda vida. A seguir, iremos identificar essa classificação que de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria distingue-se em três níveis:

O nível de suporte 1 - São as pessoas que precisam de pouco apoio. Em situações mais ocasionais, e que os déficits tanto na comunicação social, quanto nas relações interpessoais são menores. Esses indivíduos geralmente têm dificuldade em iniciar e em manter interações sociais, sejam elas de forma que tenha uma boa qualidade. Quando tentam fazer novas amizades podem ser mal sucedidas pois tem muitas dificuldades que são provocadas pela inflexibilidade cognitiva que podem vir a ser muito evidentes, esses mesmos indivíduos podem vir a ter problemas relacionados à organização e ao planejamento.

O nível de suporte 2 - Pessoas com TEA neste nível, geralmente precisam de um apoio maior que no nível de suporte 1. São pessoas que apresentam *déficits* mais severos nas suas habilidades de comunicação social, sendo ela verbal ou não verbal. Nesses casos, mesmo com o já citado suporte de forma considerável, os comportamentos são bem claros e significativos, podendo vir a comprometer de forma significativa as relações interpessoais. Mesmo que busquem bastante por novas

amizades acabam sendo constantemente comprometidas. Além de que, a fala expressiva é bastante simplificada e a compressão da fala de terceiros também acaba sendo comprometida. Esses também podem falar de assuntos restritos e de pouco interesse social, nesse nível também é frequente a comunicação não verbal, ela é de forma significativa inadequada e também insuficiente para manter a manutenção das relações interpessoais. A inflexibilidade cognitiva é muito perceptível e também muito intensa a ponto de comprometer as relações.

O nível de suporte 3 - São pessoas que precisam de um apoio de forma excessiva. Pessoas que estão neste nível tem um comprometimento muito grave, tanto na comunicação social, verbal, de uma forma tão delicada que trás um imenso prejuízo e até mesmo o impossibilita de fazer a manutenção das interações sociais interpessoais. Nesse caso, a busca ou iniciação de um contato social é rara, e também é extremamente limitada, podendo ser até mesmo inexistentes. Tratam-se de pessoas com uma enorme limitação da fala expressiva, e da falta de compreensão, além de que a inflexibilidade do comportamento gera uma extrema dificuldade ou até mesmo incapacidade de lidar com as pequenas alterações que podem ocorrer nas rotinas diárias.

Ao serem apresentados os três níveis de suporte do autismo, pode-se analisar as particularidades de cada um, além de que alguns vão necessitar de apoio maior e conseqüentemente de uma atenção maior, seja na sociedade como um todo ou no ambiente escolar,

No nível de suporte 1, necessita-se de um apoio na realização de algumas atividades, na questão social também, mas a criança tem um pouco mais de autonomia, sendo no nível de suporte 2 a criança pode apresentar *déficits* na fala, na interação social e a inflexibilidade cognitiva, o que dificulta um pouco também a questão do aprendizado pois em muitos momentos a criança não vai ceder para a realização da atividade proposta, devendo-se buscar algo de seu interesse para depositar o seu foco e atenção máxima. No nível de suporte 3 as questões já citadas no nível anterior aparecem porém de uma forma ampliada, onde até o apoio vai ser excessivo, pois é necessário sempre estar por perto um adulto observando e atentando a tudo que esse indivíduo está fazendo, não existe o mínimo interesse na interação social, sua fala expressiva também pode ser afetada, além de uma rigidez tão forte que pode ocasionar uma crise caso haja qualquer mudança em sua rotina, pois nesse nível as mudanças não são bem aceitas, então, essas particularidades podem afetar um pouco mais a aprendizagem dependendo do nível.

2.3 Processos que auxiliam na aprendizagem do indivíduo com TEA:

As pessoas com TEA e precisam ser ensinadas em tudo o que em sua maioria outras crianças aprenderiam por observação, e por isso, deve-se realizar atividades mais estruturadas sem taxá-las como alguém que não consegue aprender, pelo contrário, sua aprendizagem ocorre de maneira mais complexa, com formas diferentes de processar os incentivos (LIMA, 2020).

Os indivíduos com TEA, em sua maioria, quando em um nível de suporte menor, costumam ter habilidades em diferentes áreas onde podem se destacar, podendo ser em áreas de conhecimento específicas como Matemática, Ciências Humanas, Desenho, enfim, o que significa que não é por que em algumas áreas o indivíduo vai ter mais dificuldade que vai ser assim em tudo, pelo contrário, são muito inteligentes e talentosos em sua maioria, além de que aprendem de uma maneira mais

complexa e processam os incentivos de forma diferente. Isso não torna ninguém menos ou mais capaz.

Ao entender que a aprendizagem da criança com TEA ocorre de uma forma mais complexa, os/as professores/as das salas de AEE, bem como do ensino regular, passam a se atentar mais às necessidades e dificuldades, afinal, cada evolução na aprendizagem vai acabar por se tornar uma vitória do conjunto que está trabalhando para acontecer, isso por que vai depender da individualidade de cada indivíduo, pois são diversos fatores que podem ser observados e nem todos vão ter as mesmas características e necessidades. Segundo LIMA (2020, p. 17):

Os indivíduos com TEA manifestam particularidades, tornando na sua maioria a aprendizagem ineficiente, impedindo a evolução plena e eficaz para ambas as partes, uma vez que para a concretização e sucesso na aprendizagem de crianças acometidas de TEA, é imprescindível que o docente compreenda a indispensabilidade de uma prática pedagógica amparada por um ensino estruturado, advindo da utilização de métodos de intervenções aplicados na direção de uma metodologia produtiva. Portanto, entendemos que é de suma importância que a equipe escolar tenha conhecimento de como aprendem e se comportam crianças que se apresentam com autismo e que a inclusão das mesmas no espaço escolar consiste em um processo de adaptação, formação de identidade, desenvolvimento de confiança e socialização. Desta maneira, a relação desta criança com os professores, demais alunos e equipe de funcionários é fundamental para promover a sua comunicação, interação e inclusão.

A Lei nº 12.764/2012 está a disposição dos direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e além disso também está para definir quem é considerado autista, por isso no artigo 1º diz:

§ 1º Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal, usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos (BRASIL, 2012).

O indivíduo com autismo possui direitos, um deles é estar inserido na sala de AEE, onde vai funcionar como um reforçador para sua aprendizagem, além de trabalhar outras questões que já foram citadas anteriormente. Para que esse direito seja garantido, a Lei nº 12.764/2012 está em vigor, onde para ser considerado autista é necessário uma deficiência persistente e clinicamente significativa, como foi descrito anteriormente a questão da interação social, em questões do desenvolvimento, entre outros. A Lei informa quem é considerado autista e tudo tem que ser comprovado clinicamente com um diagnóstico.

Ferreira (2017), aponta que “a aprendizagem das crianças com TEA é um constante desafio para todas as partes envolvidas (estudante, professor e família),

este processo traz um leque de inconstâncias onde a cada dia se vive algo diferente em diversos aspectos como: lutas, incertezas, frustrações, avanços, superação, esperança, dentre outros”.

A aprendizagem das crianças com TEA se torna um desafio permanente pois além de cada um naturalmente ter suas particularidades dentro do Espectro, por muitas vezes as questões de interação social e inflexibilidade se tornam cada vez maiores pelo ambiente escolar pois além das crianças com TEA também estão presentes as crianças típicas, então aí que entram as questões de incerteza, as frustrações, os avanços, logo a família, além de ter que lidar com as questões do próprio autismo, tem que lidar com questões do ambiente que a criança está inserida e isso também torna essa jornada um constante desafio pelas inúmeras questões que necessitam de atenção, não só dos pais, como do próprio estudante e dos professores também, mas difícil não significa ser algo impossível.

Segundo Silva e Boncoski (2020), para identificar a aprendizagem do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é preciso considerar que ele tem dificuldade em organização de conteúdos e em executar as atividades que se aparecem de forma abstrata, a criança autista tem dificuldades em desenvolver tarefas que sejam complexas e que tenham conteúdos abstratos, por isso o educador deve estar sempre atento aos conteúdos apresentados, procurando inserir de forma concreta, principalmente usando meios não verbais e lúdicos que possam chamar a atenção do aluno com TEA.

Ao fazer a consideração que a criança autista tem dificuldade de organizar conteúdos, seja na escola ou na sua rotina, tem que tomar cuidado para apresentar atividades que tenham um nível de complexibilidade, ou que sejam abstratos, pois devido a dificuldade de organização nas atividades que sejam mais tradicionalistas tendem a não serem tão atrativas para esses indivíduos, usar de meios lúdicos é um bom caminho, como por exemplo: atividades que utilizem vídeos, ou atividades por meio de recursos psicopedagógicos como: quebra cabeças, jogos de memória, entre outros.

Segundo Silva e Boncoski (2020), a aprendizagem da criança com TEA deve atender às habilidades de atenção de forma conjunta, incluindo gestos e olhares, dessa forma misturando intervenção especializada com estratégias comuns, tornando o ambiente preparado para receber os alunos com o Transtorno do Espectro Autista.

Como dito em um ponto anterior, ao trabalhar com uma criança autista, tem que ficar atento para que a ludicidade possa estar presente, além disso também deve se atentar a ser trabalhado também as questões mais visuais, como gestos e olhares, tudo isso vai trabalhar a atenção do indivíduo de forma conjunta, pois, crianças com TEA são muito visuais, ou seja, utilizar de estratégias que eles vejam e estejam dialogando com ambiente para torná-lo mais agradável e atrativo são muito válidas, pois isso vai prender a atenção da criança mesmo que seja por alguns períodos de tempo.

Segundo Dawson (2013), ela destaca sete principais estratégias que promovem o desenvolvimento da linguagem em autistas não verbais, sendo eles crianças ou adolescentes, aqui destacando apenas duas: incentivo à brincadeira e a interação social. Se a brincadeira é essencial para a criança, por que não incluir essa questão para aprender a língua?. Podem ser utilizados os jogos nesse processo, pois além de proporcionar momentos agradáveis para as crianças se comunicarem, ainda trabalha a questão da interação social.

Outra forma de promover a interação social de crianças autistas são as atividades lúdicas, tais como o uso da música, as brincadeiras infantis que incluem o

canto e dança. São importantes para incentivar a aprendizagem de crianças autistas. Um comportamento na qual o educador ou familiar deve sempre buscar realizar frente a uma criança com TEA é se posicionar à frente da criança, ficando em posição próxima ao nível dos olhos, para que ela possa ver e ouvir com mais facilidade. A imitação dos sons e comportamentos lúdicos para a criança autista representa incentivo para que ela possa interagir e desenvolver a vocalização. A imitação é de grande relevância nessa interação, gestos e contato visual podem criar uma base para a aprendizagem (COSTA, 2015).

A interação social das crianças com TEA é muito importante pois o autismo pode vir a afetar essas questões e o/a professor/a deve promover atividades que incentivem e também que trabalhe essa dificuldade pois isto é muito importante, afinal, não só as crianças com TEA, mas também de forma geral, aprendem mais de forma lúdica.

Alguns métodos foram desenvolvidos para auxiliarem nesses processos, como o *Applied Behavior Analysis* (ABA), que é um método de intervenção comprovado cientificamente e que trabalha questões de comportamento, habilidades, entre outros. Segundo Camargo e Rispoli (2013, p. 641):

Características gerais de uma intervenção baseada na ABA tipicamente envolvem identificação de comportamentos e habilidades que precisam ser melhorados (por exemplo, comunicação com pais e professores, interação social com pares, etc.), seguido por métodos sistemáticos de selecionar e escrever objetivos para, explicitamente, delinear uma intervenção envolvendo estratégias comportamentais exaustivamente estudadas e comprovadamente efetivas.

Um outro método que é utilizado nesse processo são os *The Picture Exchange communication System* (PECS). Este método utiliza cartões que geralmente são impressos, que contêm desejos, alimentos, objetos, brincadeiras, necessidades e sentimentos. Esse método é utilizado para desenvolver a fala em indivíduos que tenham autismo. Muitas vezes as crianças que têm o TEA podem falar algumas frases soltas, letras do alfabeto, falarem números, dentre outras coisas, porém são frases que não fazem sentido, só reproduzem o que ouviram e essa é a chamada ecolalia. Existem alguns autistas que são chamados não verbais, alguns em casos sendo de níveis 2 e 3 de suporte costumam usar uma comunicação alternativa, que deve ser desenvolvida com auxílio de um (a) fonoaudiólogo (a) ou também o autista pode desenvolver individualmente sem qualquer auxílio, sendo essa comunicação por meio de um toque, expressões faciais, entre outros.

O sistema de comunicação alternativa e ampliada (PECS) é um sistema de comunicação utilizado na intervenção de crianças autistas geralmente não verbais, mas também são utilizados caso seja necessário desenvolver a linguagem ou mesmo que apresentem déficits na fala. Ela se dá por meio de imagens onde essas mesmas expressam seus desejos, vontades, necessidades, e etc. Segundo Barbosa e Dutra (apud Fidalgo, Godoi e Gioia, 2008, p. 8 e 9):

O PECS- Picture Exchange Communication System (Sistema de Comunicação por Troca de Figuras) é um sistema de comunicação alternativa que foi criado por Bondy e Frost no ano de 1994 com o intuito de fazer com que sujeitos autistas se comuniquem por meio da troca de figuras por objetos ou atividades de seus interesses.

Algumas estratégias podem ser implementadas para que o aluno com TEA possa ter maior facilidade na compreensão dos conteúdos, como o uso de tecnologias, recursos visuais, estrutura da rotina das aulas com horários específico para esses alunos, pois as crianças com TEA demonstram inflexibilidade quanto às mudanças da rotina, manter atividades simples e sensoriais, ter um local tranquilo com iluminação suave onde o aluno com TEA possa se retirar quando sentir vontade de “dar um tempo”, pois é importante respeitar o momento de fuga da criança autista (BENINI; CASTANHA, 2016).

Quando a criança com TEA têm esses momentos de fuga é importante que se respeite, pois insistir em uma atividade de forma imperativa pode causar uma desregulação na criança, ou seja, um crise de choros onde a criança pode se jogar no chão e vir a se machucar ou machucar quem está próximo. Essa questão pode interferir em uma aula inteira, por exemplo, pois isso desencadeará o que se chama de “crise”, demandando um tempo para que a criança se acalme. Segundo Benini e Castanha (2016, p. 10):

[...] percebe que falta ao aluno com autismo uma abordagem educacional que o compreenda como um ser social, capaz de aprender e internalizar conhecimentos e que não reduza sua educação ao treinamento de habilidades, mas que esteja aberta à sua constituição contextualização histórica e social. Neste sentido, ressalta que o processo de ensino e aprendizagem desse aluno deve contemplar uma criteriosa relação entre mediação pedagógica, cotidiano e formação de conceitos, destacando a importância do papel da ação mediadora que o professor desempenha no ensino.”

Fato é que torna-se um desafio o aluno com TEA em sala de aula ,considerando os diversos aspectos presentes nesse aluno, que podem ser os mais variados pois todo indivíduo tem suas próprias características e dificuldades. Desta forma, os/as professores/as, principalmente os das salas de AEE devem focar nessas particularidades para que o ensino atinja de fato seus objetivos, por isso, muito há de ser considerado ao longo do trajeto escolar. Para tal, destaca-se a importância do AEE para trabalhar de acordo com que já foi citado e também proporcionar a inclusão que tanto se é cobrada e necessária.

2.4 A tecnologia e sua importância para aprendizagem de crianças com TEA:

Sabemos que nos dias atuais a tecnologia se torna cada vez mais presente nos ambientes de trabalho, no dia a dia e principalmente nas escolas onde vem se tornando cada vez mais importante e utilizada.

Segundo Benini e Castanha (2016), no âmbito da educação de autistas, estes recursos têm ganhado espaço por influenciar positivamente na aprendizagem e desenvolvimento do estudante. Dentre estes, podemos citar os recursos que são construídos, de formas artesanais até os mais sofisticados como *tablets*, *lpedes*, *softwares*, aplicativos e os auxílios externos amplamente utilizados na área da Comunicação Alternativa (CA).

Ressalta-se que muito pode ser produzido de forma artesanal e que vão auxiliar na aprendizagem das crianças com TEA, pois o uso de imagens é muito comum e a partir disso pode-se produzir cartões e materiais, sejam em folhas inteiras ou em imagens individuais, o que chamamos de Símbolos de Comunicação Pictórica (PCS).

Essa técnica de utilização de imagens foi desenvolvida por uma fonoaudióloga estadunidense chamada Roxanna Mayer Johnson no ano de 1980. A utilização dos PCS é utilizada principalmente em níveis um pouco mais altos do TEA, mas também são bastante utilizados com níveis mais baixos, pois podem ser facilmente utilizados para o preparo de atividades educacionais.

Estudos têm evidenciado que a comunicação por meio de imagens é uma das estratégias mais importantes na intervenção no TEA. Devemos observar que a maioria dos autistas possuem dificuldades em representar um objeto ausente, necessitando de instrumentos de apoio para que seja possível esta representação mental. Assim, através do uso de imagens, a pessoa com TEA obtém uma melhor compreensão que vem colaborar significativamente no processo de organização do pensamento e da linguagem. Desta forma, um dos principais motivos para utilização da linguagem visual é considerá-la uma ferramenta importante para potencializar a aprendizagem destes estudantes. (BENINI; CASTANHA, 2016).

Existem as chamadas pranchas de comunicação, que são um conjunto de imagens e símbolos e também existem *softwares* específicos que podem auxiliar as crianças com TEA no seu desenvolvimento educativo, estimulando a capacidade de construir significados e auxiliando a expandir seu vocabulário e, por fim, ajudando a despertar a atenção pois se torna mais atrativo.

Segundo Benini e Castanha (2016), “é importante reconhecer que todos os recursos que a escola pode oferecer aos estudantes com TEA podem oportunizar a aprendizagem, contribuindo assim, para a superação das dificuldades, seja na comunicação e socialização, bem como impulsionar o desenvolvimento do aluno.”

Algo que também torna complexo esse processo de aprendizagem é o fato da interação social de alguns indivíduos com TEA, pois, para alguns, essa questão acaba por se tornar uma dificuldade, já que isso vai acarretar uma maior preferência por objetos do que por pessoas, e por vezes o foco da criança vai ser inteiramente voltado para o objeto e não para o/a professor/a. Ainda segundo Benini e Castanha (2016, p. 16), “[...] portanto, que possíveis intervenções utilizando estes instrumentos têm resultado em novas aprendizagens, ajudando na construção de conceitos e no desenvolvimento da autonomia desse aluno no ambiente escolar?!”.

Mais uma vez entra a questão dos recursos serem de suma importância nesse processo, pois, a forma tradicional de ensino tende a não ser suficiente, nem tão pouco atrativa para os alunos que fazem parte da educação especial, por isso, são desenvolvidas atividades e utilizados os já citados recursos pedagógicos que são bem diversos e a própria sala de AEE que disponibiliza para o uso dos/as professores/as da educação especial.

Já os jogos, dentre eles os de caráter lúdico cooperativo, são importantes à medida que promovem o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do autista. São considerados relevantes pois estimulam aspectos afetivos, proporcionando ganhos em habilidades sociais. Sendo assim, um instrumento significativo no processo de inclusão escolar.

Na sala de AEE não são trabalhados apenas os conteúdos do ensino regular, mas também atividades que trabalhem do cognitivo ao social, claro que em momentos diferentes. Geralmente, primeiro é feita uma atividade de acordo com a necessidade do aluno e após, são feitas as que trabalham as outras áreas que necessitam também de atenção e estímulo.

O uso das tecnologias se torna importante pois existe um mundo por trás da tecnologia, que podem e devem ser utilizadas em favor do desenvolvimento das crianças com TEA, pois podem ser utilizados jogos, imagens, vídeos, entre outras

ferramentas existentes que também são lúdicas e tendem a prender mais a atenção das crianças. Constata-se que, na prática, as ferramentas das tecnologias são importantes nas salas de AEE que por sinal algumas já são utilizadas, mas também são utilizadas em atendimentos fonoaudiológicos, entre outros.

Diante do exposto, observa-se alguns aspectos de destaque, a saber: “Como são planejadas as atividades nas salas da AEE? Quais as metodologias aplicadas?”. Vale ressaltar que como os alunos com TEA aprendem de forma mais complexa, o AEE é de suma importância visto que os/as professores/as especializados/as no ensino especial e/ou inclusivo trazem propostas de atividades mais lúdicas que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem. Além de que, essas atividades são de caráter psicopedagógico e focam diretamente nas dificuldades e nas particularidades de cada aluno/a. De forma mais geral, na sala de recursos, são realizados trabalhos práticos de acordo com as particularidades de cada criança, se necessitar, trabalhar coordenação motora fina, trabalhar a impulsividade, o foco e atenção das crianças, entre outras necessidades.

3 METODOLOGIA

Na pesquisa descritiva realiza-se o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador. São exemplos de pesquisa descritiva as pesquisas mercadológicas e de opinião (BARROS e LEHFELD, 2007).

O processo descritivo visa à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo. Esse tipo de pesquisa pode ser entendida como um estudo de caso onde, após a coleta de dados, é realizada uma análise das relações entre as variáveis para uma posterior determinação dos efeitos resultantes em uma empresa, sistema de produção ou produto (PEROVANO, 2014).

A pesquisa descritiva pode aparecer sob diversos tipos: documental, estudos de campo, levantamentos, etc, desde que se estude a correlação de, no mínimo, duas variáveis. Nesta pesquisa, foi utilizada a pesquisa qualitativa descritiva, onde foi analisado o processo de ensino, e aprendizagem por meio de uma análise documental de artigos científicos, teses, livros e sites oficiais do ministério da educação (MEC) também. Além de que o objetivo foi deixar claro qual a importância do ensino aprendizagem nas salas de AEE, em especial para o público autista. Tudo que é trabalhado na sala de recursos, são dificuldades que influenciam no dia a dia e ao melhorarem certas habilidades, e dificuldades apresentadas, essas questões vão impactar inclusive na vida fora da escola também, por isso se é tão falada da importância dessa sala para as crianças autistas, com outros transtornos e deficiências.

4 CONCLUSÕES

Ao longo desta pesquisa, pode-se analisar como a Educação Especial e as salas de AEE são de suma importância para evolução dos alunos no ensino, enfatizando, como as crianças são capazes de aprender mesmo possuindo suas dificuldades e particularidades que influenciam direta ou indiretamente nesse

processo, e, por outro lado, como o conhecimento das especificidades da educação e do ensino - aprendizagem são necessários especificamente aos educadores e a outros profissionais que lidam com essas especificações.

Ficou evidenciado, através do levantamento realizado em estudos de diversos livros, artigos e teses relacionados à temática, encontrados em sites acadêmicos, bem como sites oficiais do Ministério da Educação (MEC), que é unanimidade, a relevância das Salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE) para as pessoas com Transtornos de Espectro Autista (TEA), especialmente para as crianças, famílias e educadores, uma vez que muito pode ser realizado em benefício dessa população, e consequentemente, para o bem da sociedade em geral.

Por fim, nota-se no decorrer desta pesquisa, que o AEE é de muito valor, visto que faz parte de um processo maior, onde engloba diversos aspectos que foram apresentados ao longo deste trabalho, pois fatores de diversas áreas podem influenciar no processo de ensino – aprendizagem, seja o nível do autismo dos indivíduos, as questões que podem vir a serem trabalhadas na sala de AEE que se estendem para a sala regular e até mesmo a vida social das crianças com TEA. Nota-se também que é uma via de mão dupla, pois muitas vezes os próprios professores frente a educação especial precisam se adequar ao aluno e suas necessidades, além de aprenderem muito visto que a criança tem muito a ensinar. E também são trabalhadas as dificuldades de cada um, seja na área pedagógica ou em outras áreas que se estendem, como por exemplo, a psicopedagógica, de forma a se pensar na importância desta sala e em como auxiliou muitas crianças com TEA desde quando surgiram.

Claro que, o Brasil é um país de proporções enormes, então em algum momento ou em algum lugar as salas de AEE podem não funcionar como deveriam, mas isso vai da coordenação nos municípios e como elas são geridas por essas pessoas, mas como já citado no trabalho é Lei que garante uma educação de qualidade para indivíduos com autismo além de outros direitos que precisam ser seguidos, no mais, o ensino - aprendizagem é um processo complexo ainda mais quando se trata de crianças com TEA, então, os professores, proporcionam a adequação das atividades e trabalham para que elas tenham uma educação de qualidade ao longo de sua jornada escolar.

Mesmo com toda a evolução do sistema de ensino público e com a evolução das salas de AEE, algumas pessoas ainda tem a ideia de que o diagnóstico é um rótulo e na verdade não é isso trás uma discussão acerca da neurodiversidade, onde o sujeito que tem autismo defende que não é uma doença e sim uma diferença de funcionamento do cérebro. Geralmente esse movimento é defendido pelos autistas, mas não se restringe apenas a eles, pessoas com outros transtornos também podem defender e dizer que são neurodivergentes.

Além do mais uma outra discussão que pode ser trazida de forma rápida é a questão do pedagogo ou professores da educação básica que não se especializam e nem buscam informação para terem conhecimento de como lidar com uma pessoa neurodivergente em sala de aula, e imaginam que nunca vão ter que lidar com uma, e não deveria ser assim o professor tem que saber lidar com todas as diferenças, é muito difícil, sim é, mas o professor é um dos grandes exemplos na vida da criança, então qual é a marca que ele quer deixar naquele indivíduo, de alguém que sempre buscou informações e incluiu todos os alunos, ou de um professor que se quer fazia questão de entender um transtorno ou deficiência da criança fazendo com que a mesma se sentisse até excluída ou menos capaz, não deve ser assim, o professor tem que buscar a informação para não se tornar refém da falta dela, e estar sempre

disposto a aprender mais e mais.

REFERÊNCIAS

As diferenças entre pesquisa descritiva, exploratória e explicativa. Pós –Graduando, 2012. Disponível em: <https://posgraduando.com/diferencas-pesquisa-descritiva-exploratoria-explicativa/>. Acesso em: 05/07/2023.

BENINI, W; CASTANHA, A. P A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades. In: Cadernos PDE.Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Paraná, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). [Brasília]: Ministério da Educação. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/dsm-5-e-tea-o-diagnostico-do-autismo/>. Acesso em: 21/05/2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Atendimento Educacional Especializado (AEE). [Brasília]: Ministério da Saúde. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/581305/2/Atendimento%20educacional%20especializado%20para%20o%20estudante.pdf>. Acesso em: 15/03/2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Definição: Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança. [Brasília]: Ministério da Saúde. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/>. Acesso em: 15/03/2023.

CASA CIVIL: SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 05/07/2023.

COSTA, F. A. S. C. Práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil: atividades lúdicas envolvendo crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Dissertação Mestrado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Bauru, 2015. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/numero/004/pecs/>. Acesso em: 22/06/2023.

DAWSON, Geri e ELDER, Lauren. Seven ways to help your child with nonverbal autism speak. Autism Speaks, 2013. Disponível em: <https://www.autismspeaks.org/expert-opinion/seven-ways-help-your-child-nonverbal-autism-speak>. Acesso em: 08/04/2023.

FERNANDES, Conceição Santos; TOMAZELLI, Jeane e GIRIANELLI, Vania Reis. Diagnóstico de Autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. Psicologia USP, São Paulo (SP), v. 31, 2020, p. 1 –

12, junho, 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pusp/a/4W4CXjDCTH7G7nGXVPk7ShK/?lang=pt>.
Acesso em: 18/04/2023.

FERREIRA, Mônica Misleide Matias; DE FRANÇA, Aurenia Pereira. O Autismo e as Dificuldades no Processo de Aprendizagem Escolar. ID online Revista de Psicologia, v. 11, n. 38, p. 507-519, 2017.
Disponível:
<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/916/1291>.
Acesso em: 26/04/2023.

GOTTI, Alessandra. Inclusão na Educação: quais os desafios para realmente atender pessoas com deficiência, 2019. Disponível em:
<https://novaescola.org.br/conteudo/18275/inclusao-na-educacao-quais-os-desafios-para-realmente-atender-pessoas-com-deficiencia>. Acesso em: 22/06/2023.

KASSAR, Mônica Carvalho Magalhães. Educação especial no Brasil: desigualdades e desafios no reconhecimento da diversidade. Educação e Sociedade, Campinas, v. 32, n. 120, p. (833 – 849), jul./set., 2012; Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/9GqQTbYV8QjfVWpqjdyFHDP/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 26/04/2023.

LACERDA, Lucelmo; LIBERALESSO, Paulo. Autismo: Compreensão e práticas baseadas em evidências, 1º ed. Curitiba-PR, 2020, P. (1 – 63). Disponível: <https://mid.curitiba.pr.gov.br/2021/00312283.pdf>.
Acesso em: 26/04/2023.

LARA, Ângela Mara de Barros e MOLINA, Adão Aparecido. Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: LARA, Ângela Mara de Barros e MOLINA, Adão Aparecido. p. (1 – 26). Disponível em:
<https://gepeto.paginas.ufsc.br/files/2015/03/capitulo-angela.pdf>. Acesso em: 05/07/2023.

LIMA, Stéfanie Melo e LAPLANE, Adriana Lia Frizman. Escolarização de Alunos com Autismo. Revista Brasileira: Educação Especial, v. 22, n. 2, p. 1 – 12, Abril/Junho, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382216000200009>. Acesso em: 22/06/2023.

MARIUSSO, Matheus Racy. Inclusão sem consciência é exclusão. Disponível em:
<https://www.portalacesse.com.br/inclusao-sem-consciencia-e-exclusao/>. Acesso em: 22/06/2023.

ORTEGA Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/mana/a/TYX864xpHchch6CmX3CpxSG/?lang=pt>. Acesso em: 08/07/2023.

SALVINI, Roberta Rodrigues; PONTES, Raquel Pereira; RODRIGUES, Cristina Tristão et. all. Avaliação do impacto do Atendimento Educacional Especializado (AEE) sobre a defasagem escolar dos alunos da Educação Especial. Estudos Econômicos, v. 49, n. 3, p. 1 – 12, Jul./Set., 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ee/a/cPK5nWbDbfvn33T6tnqYYnh/?lang=pt#>. Acesso em: 22/06/2023.

TEIXEIRA, Silvana. A inclusão de alunos deficientes nas escolas trouxe benefícios? Disponível em: <https://www.cpt.com.br/cursos-metodologia-de-ensino/artigos/a-inclusao-de-alunos-deficientes-nas-escolas-trouxe-beneficios>. Acesso em: 22/06/2023.

Transtorno do Espectro Autista: uma abordagem sobre as políticas públicas e o acesso à sociedade. Infarma: Ciências Farmacêuticas, v. 33, n. 2, p. (117 – 130), 2021. Disponível em: <https://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=2814&path%5B%5D=pdf>. Acesso em: 05/07/2023.

VIEIRA, Soraia. PECS. Canal Autismo Notícias, 2019. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/numero/VI004/pecs/>. Acesso em: 22/06/2023.

DSM-5 TR E CID-11 DIAGNÓSTICO DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. Instituto de Inclusão Brasil. Disponível em: <https://institutoinclusaobrasil.com.br/dsm-5-tr-e-cid-11-diagnostico-de-transtorno-do-espectroautista/#:~:text=No%20campo%20do%20autismo%2C%20houve,de%20dificuldade%20de%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20social>. Acesso em: 14/07/2023.

VOCABULÁRIO BÁSICO DO AUTISMO: NEURODIVERSO X NEURODIVERGENTE. Autismo e realidade. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2023/03/03/vocabulario-basico-do-autismo-neurodiverso-x-neurodivergente/>. Acesso em: 14/07/2023.

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui meus sinceros agradecimentos aos meus pais Fátima e Vando em especial a minha mãe que sempre fez tudo para que eu tivesse a melhor educação, vocês foram e são essenciais na minha vida.

Também quero deixar meus agradecimentos a minha avó Roselita (*in memoriam*) pois ela sempre se orgulhou muito da pessoa que eu estava me tornando, e me ajudou muito durante a minha jornada no curso de pedagogia, também quero agradecer a minha tia Socorro que também me ajudou muito nesse processo, sem minha família eu não teria chegado onde eu cheguei.

Agradeço aos meus professores, pois cada um que passou pela minha jornada deixou muito aprendizado, e sou muito grata por isso.

A Manuela que me apresentou a área da Psicopedagogia, e foi muito importante para mim nessa jornada de descoberta.

Obrigada a cada um que passou pela minha vida nesse processo, vocês me ajudaram a chegar onde eu cheguei.